

O fantasma do autoritarismo

Álvaro Pereira

Sarney - Viagem

6861 100 67

100 67 1981

Com viagens a Quito, no Equador, e depois a San José, na Costa Rica, o presidente José Sarney encerrou, na semana passada, o seu roteiro de visitas aos países da América Latina. Nesses quatro anos e sete meses de governo, ele só não visitou ou Chile, o Panamá, a Nicarágua, o Haiti e Cuba, países que vivem conjunturas excepcionais de cerceamento da liberdade e dos ideais democráticos. Em Quito, o presidente brasileiro se encontrou com seu colega equatoriano, Rodrigo Borja, assinando acordos de cooperação e comércio entre os dois países. Em San José, ele participou da festa comemorativa dos 100 anos de democracia na Costa Rica, ao lado de outros 19 chefes de Estado latino-americanos.

A festa democrática promovida pelo presidente Oscar Arias sensibilizou até mesmo o presidente dos Estados Unidos, George Bush, preocupado em prestigiar a democracia costa-riquenha e mantê-la imune à influência dos países vizinhos, Nicarágua e Panamá. A festa representou, também, uma oportunidade para que países recém-democratizados, como Argentina e Brasil, pudessem reforçar a impressão de que seus destinos dependem de uma colocação política eficaz do governo americano. Parece existir um consenso, hoje, entre os países democratizados da América Latina, de que a estabilidade de seus governos e instituições vai depender do encaminhamento da questão econômica, com destaque para a dívida externa. E a colaboração americana é fundamental nesse sentido.

Houve um tempo, durante o governo do presidente Jimmy Carter, em que os EUA agiram como guardiões da democracia na América Latina. O governo

americano, através de seus órgãos competentes, chegou a preparar dossiês com denúncias de violação dos direitos humanos. Na época, os regimes autoritários em vigor eram ameaçados de retaliações econômicas, caso não alterassem seus métodos de coerção política. Hoje, porém, tudo mudou. A partir da experiência do Brasil e da Argentina, quase todos os países latino-americanos elegeram governos representativos e democráticos, ao mesmo tempo em que procuram respeitar, na medida do possível, os direitos inalienáveis da pessoa humana.

Não existem mais nesses países, as prisões arbitrárias por motivações políticas. Todas as forças de oposição, mesmo as de tendência marxista, podem se expressar livremente e participar do processo político-eleitoral. Enfim, todas as exigências dos EUA e dos países desenvolvidos da Europa foram cumpridas, sem que houvesse, da parte desses países, a disposição política de colaborar com os governos democráticos recém-implantados. Falta sensibilidade, falta uma ação concreta no sentido de se encontrar uma solução definitiva para o problema da dívida externa. A miséria, a fome, o desemprego — conseqüências diretas da crise econômica — são os maiores inimigos da democracia. Ou os ricos contribuem para aliviar as contas externas da América Latina, permitindo-lhe a retomada do crescimento econômico e o reingresso de investimentos, ou estaremos convivendo em breve com o fantasma do autoritarismo. Aí não haverá mais festas, como a de Costa Rica, nem motivo para comemorações.

JORNAL DE BRASÍLIA